







lucas guimaraens

exílio

o lago das incertezas





O exílio tem, pois pelo menos duas faces nos meus escritos. Uma talvez seja mais feliz e a outra, totalmente infeliz. Uma vergonha. Uma das faces é a expressão da ferocidade do indivíduo, de alguns poucos indivíduos em luta contra os limites culturais que o encarceram. E a outra é a consequência da irascibilidade do homem político. Uma das faces é subjetiva. É minha e não a coloco em xeque. A outra é objetiva. Produto da minha observação da miséria migrante a povoar o Primeiro Mundo, miséria que se torna mais e mais agudizada no novo milênio. Uma das faces proclama o amor à vida, faz o elogio da alegria na vida selvagem. A outra denuncia a injustiça na construção do social e do econômico no plano da comunidade, denuncia a pobreza.

Silviano Santiago



apresentação

o que se joga ainda
não é o jogo



A liberdade pensada como uma experiência social é um dos eixos de nossa capacidade de atribuímos sentido ao mundo, aos outros e a nós mesmos. A ausência ou a restrição da liberdade compromete, quando não inviabiliza de modo dramático, a possibilidade de nos vermos como sujeitos, bem como aos demais com os quais nos relacionamos. Ao contrário do que o senso comum pressupõe, ser e pensar-se como um sujeito livre não tem sido um direito para a maioria dos atores sociais que conhecemos, mas um processo contínuo de lutas e sacrifícios.

Numa perspectiva ampla, pode-se dizer que os obstáculos impostos ao direito de liberdade decorrem dos inúmeros embates e negociações que envolvem o sujeito, sobretudo quando recai sobre ele a tarefa de preservar e/ou transformar as heranças que recebeu. Numa perspectiva específica, centrada na experiência poética, observa-se que o cenário não é menos intrincado. Entre as tendências que evocam a reiteração das heranças e as que pregam a sua ultrapassagem, é relevante considerar que a liberdade do poeta para visitar



diferentes heranças estéticas vem a ser uma condição fundamental para que este possa articular a sua própria voz e os seus próprios métodos de criação.

A leitura dos 27 poemas reunidos por Lucas Guimaraens em cinco seções sob o título *Exílio: o lago das incertezas*, não menos do que outras obras, nos impõe esse tema. Há que se ressaltar, no entanto, o rastro particular dessa questão nas páginas escritas pelo poeta. Além de se deparar com as heranças poéticas ocidentais (em sentido amplo e discutível) e as heranças poéticas brasileira e mineira (noutro sentido não menos amplo e não menos discutível), Lucas Guimaraens tem que mirar no espelho familiar – irisado pelas especificidades de seus ancestres Alphonsus de Guimaraens e Alphonsus de Guimaraens Filho – o apelo que, por um lado, o convida à comunhão com a sua herança e, por outro, o desafia a cerzir a sua própria *persona* poética.

Sem negligenciar o convite das referidas heranças, a *persona* poética que se articula nesse *Exílio* não deixa dúvidas quanto à sua pretensão de escolher os seus motivos e os seus métodos de composição. Nessa série de poemas relativamente curta, sobressai a lógica do dizer mais com o mínimo de recursos. O rendimento dessa proposta pode ser visto no ritmo ora tenso, ora distendido que a alternância entre poemas de versos livres e poemas em prosa estabelece para o livro.

Esse aspecto formal foi estrategicamente disposto: cada uma das cinco seções do livro se abre com um poema em prosa (I. Das asas; II. Ponto; III. Histórias reais



de um carnaval imaginário; IV. Festival; V. Do risoto ao mar morto). Lidos em sequência (de I a V), esses poemas formam um conjunto com tessitura própria, na qual se destaca a ironia e a acidez em face de um mundo em desordem. Essa alternância formal funciona como um suporte para a abordagem de temas tensionados entre a realidade e a ficção. De outra maneira, lidos como aberturas de cada seção e seguidos por poemas em versos livres, a soma desses poemas constitui uma outra obra, na qual despontam, dentre outras, as linhas de força enumeradas a seguir.

Se a liberdade do sujeito é fruto de uma elaboração social, não é difícil perceber que a ausência das condições para esse processo afeta diretamente a *persona* poética que se entende como parte do mundo. No *Exílio* de Lucas Guimaraens, os modos de vida e as circunstâncias da história se apresentam, muitas vezes, como um obstáculo às demandas do sujeito. Em face disso, é com uma inflexão irônica, atravessada por certa melancolia, que a voz do poeta se exprime:

por mar.... perdi a visão
por mar.... não ter humanidade

[...]
por mar.... não apaixonarei
(nem nunca.
no pretérito.)

("Oftalmológico", p. 43)



Contudo, é nesse cenário desfavorável que o poeta descobre as razões para o seu método. Ou seja, sabe-se que há um jogo (que atende ou não as expectativas do sujeito) e desmontá-lo (para reinventá-lo com um sentido crítico) representa um desafio considerável à criação poética. Ao enfrentá-lo, com ironia, Lucas Guimaraens chama a atenção para o fato de que no teatro das relações humanas o que somos ou quem somos revela, simultaneamente, outras de nossas identidades. Não haveria instância mais oportuna do que uma série de “Histórias reais de um carnaval imaginário” (p. 36) para o poeta demonstrar as tensões e as intenções que perpassam esse nosso aspecto:

Todos sabem que, durante a maior parte do ano,
Pierrot, profissional autônomo, não é Pierrot.

Tendo submetido as relações humanas à sua observação, o poeta percebe que o apego pelo excesso é uma de nossas obsessões. Assim, nos arranhamos entre o excesso de riqueza e miséria, de companhia e solidão, excessos, enfim, em medidas variadas, de afirmação ou de destruição. Em resposta a esse estado de pressão causada pelo excesso, a escassez se explicita como um material raro, propício para reinserir o sujeito no domínio da leveza (“Hoje, permaneço feliz e manco de compreensão”, “Das Asas”, p. 15). Entretanto, ainda uma vez, o poeta nos adverte com ironia e sutileza sobre o permanente risco do engano, que ameaça nossas vontades:



eu – sem memórias –

comerei uma madeleine –

marca st-michel –

sem efeito

(“Arqueologia”, p. 20)

Não seria um exagero considerar um viés pessimista que atravessa alguns dos poemas em prosa aqui reunidos. Afinal, para uma voz poética como a de Lucas Guimaraens, entranhada na realidade, alguns dos sinais emitidos pela realidade são, com efeito, pouco promissores. Veja-se, a esse propósito, o poema “IV. Festival” (p. 46): “Disseram que o ocidente abriria as portas para o oriente. Vice-versa. Não vi portas. Nem janelas.” Contudo, apesar do horizonte derruído, alinhava-se na voz poética um tecido de resistência que se resolve, esteticamente, num discurso direto, forjado por uma explícita intenção humanitária. Impulsionado para a vida, a poética de Lucas Guimaraens aborda a contrapelo a desordem e a violência. Sob essa lógica, o poeta reconfigura a desordem, percebendo sob os escombros uma outra hipótese de existência. Sendo assim, mesmo na obscuridade – vide o poema “Fecharam” (p. 34) – algo se anuncia (como recusa a qualquer ausência de porta ou janela) e nos encoraja, porque “não fecharam as aves presas pelo arame farpado da esperança”.

A poética que se projeta no presente livro está velada, por um lado, pelas nuvens que envolvem a experiência do *Exílio* e pelas dúvidas que contornam o seu subtítulo,



gravado de incertezas (“o mundo é criação./ meu coração não” – “Criação”, p. 60). Por outro lado, essa poética guarda para os leitores aptos para o mergulho um sentido agudo que – à maneira dos lençóis submersos – recompõe à luz do dia o extenso rio de nossa humanidade: “a liberdade permanece como letra lavrada em sonho:/ utopia dos homens reais (ou cronópios)” – “De cronópios” (p. 62).

Por fim, um outro nome para a liberdade, que subjaz aos poemas deste livro, é ousadia. Essa pulsão necessária para quem – distendido “entre mas & mares” (“Contra o óbvio, pelo óbvio”, p. 19) – espera sobreviver às diferentes formas de exílio e violência; para quem reconhece que ainda não decifrou as regras do Grande Jogo do qual participa. A esse desafio teremos que responder mesmo se sustentados apenas, como alerta Lucas Guimaraens, por uma bela, amara e “contínua escrita que se apaga” (“Origem”, p. 41).

Edimilson de Almeida Pereira
Juiz de Fora, verão de 2017

≡